

Reatar com Cuba seria "normal"

GAZETA MERCANTIL

Sarney
entrevista

- 3 JUL 1985

por George Vidor
do Rio

Em entrevista aos correspondentes estrangeiros, no Rio, o presidente José Sarney anunciou que em breve o Ministério das Relações Exteriores concluirá os estudos sobre conveniência de reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba. "Entre países, o normal é haver relações diplomáticas. O anormal é não tê-las", disse Sarney, lembrando que não existe hoje mais na América Latina o cenário que levou os países do continente a romper com Cuba.

Nesta entrevista, o presidente falou com mais desenvoltura do que na concedida no dia 17 de junho aos jornalistas brasileiros e alordou os mais variados temas, da bomba atômica a Josef Mengele. O presidente negou que o País esteja trabalhando na fabricação de artefatos nucleares e, quanto a Mengele, lamentou que o carrasco na-

zista tivesse vivido tantos anos no País sem o conhecimento das autoridades brasileiras ("já que tivemos o desconforto de tê-lo vivo, que agora não tenhamos mais aqui os seus ossos").

Sarney disse ainda que o Brasil não acertará com o FMI nenhum compromisso que não possa cumprir e enumerou os outros parâmetros que vão orientar as negociações do País com os credores internacionais: rejeitar cláusulas que limitem a soberania brasileira e não aceitar nada que signifique uma substituição de atos e decisões do governo brasileiro.

O presidente disse que a dívida externa transforma o Brasil em um risco político na medida em que cria obstáculos para o crescimento econômico. "E a história mostra que sem crescimento da economia as instituições ficam permanentemente ameaçadas na América Latina." Sarney está esperançoso com o programa de ajuste econô-

mico do seu governo e prevê para este ano um crescimento de 5%. Outro indicador favorável, na opinião do presidente, é a reversão das expectativas inflacionárias. "No começo do ano, as projeções das empresas, especialmente de multinacionais, eram de uma inflação entre 400 e 500% em 1985", lembrou.

Sarney reafirmou que a reforma agrária é um projeto irreversível de seu governo, mas garantiu que tudo será feito dentro da lei, sem violência. Respondendo a um jornalista japonês, o presidente citou como bom exemplo a reforma agrária patrocinada pelo general MacArthur, chefe das tropas de ocupação norte-americanas no Japão, depois de 1945. "Essa reforma fez do Japão também uma potência agrícola", salientou.

O presidente acha que a Aliança Democrática se consolidou no plano parlamentar.

(Ver páginas 6 e 7)